

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, protejer a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e interesses locais. A redação so é responsavel pelos seus artigos; os os mais para serem publicados, deverão vir legalizados. O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos a tantados; e por 6 meses somente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais sera pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO. — Typographia de Monte & Comp. — casa do Pisa — N.

NOTICIARIO

No correr da passada semana, o sr. Jacá dice a alguem nesta cidade, ter o sr. João Evangelista, genro do sr. João Pereira de Carvalho, escripto uma carta ao C^o Simplicio Pereira da Silva do Pajuhú pedindo-lhe sua proteçãõ, para debaixo della lá ter occultos os filhos de Hyppolita Maria das Dores, a quem se tem redusido a escravidãõ. O sr. Evangelista sabendo do facto negou-o, e avança a dizer ser historias de um seo parente, mas este para provar a verdade, pois que a carta havia sido vista pelo sr. Bernardo Castello, pessoa de credito e consideraçãõ, mandou a Pajuhú e de la veio a fatal carta, que foi vista por muitas pessoas desta cidade, inclusive os srs. drs. jus de direito, municipal, e promotor.

Desapontado o sr. Evangelista com o apparecimento da carta, afirmou ser a mesma falsa, porque de tal cousa nunca soube, e que sendo a carta escripta do punho de seo sogro, elle a escrevera sem lhe communicar, valendo-se de seo nome para poder alcançar uma cousa, na qual não tomara a menor parte. Por este documento que está no dominio do publico, prova-se que João Pereira de Carvalho, emprega todos os meios criminosos e reprovados para conservar em escravidãõ os filhos da infeliz Hyppolita, e que sua má fé chega a ponto de valer-se do nome de pessoas para chegar a seus fins. Luta haverá que n supponha boa fé nesse homem? ! O sr. dr. Barbosa em vista deste facto, deve ficar certo de que o deposito dado aos filhos de Hyppolita a aprasimento de João Pereira, era sumamente pernicioso e attentatorio dos direitos das victimas, apesar mesmo da prohibidade do depositario.

Não sabemos, si o facto de ter o sr. João Pe-

reira de Carvalho, escripto esta carta, usando o nome supposto, está comprehendido nas disposições do artigo 301 do código criminal, e quando assim seja, si a tal respeito está em vigor a lei de 6 de junho de 1831.

—Foi demittido do lugar de delegado de policia deste termo o sr. dr. Manoel Thomas Barbosa Freire. Crê-se ter sido sua demissãõ dada, por effeito do conflicto havido entre este sr. e o alferes João Caetano Pereira, sendo que este fora igualmente removido do commando do destacamento desta cidade, para o do Saboeiro. S. Ex.^a o sr. presidente da provincia, julgando ao sr. Manuel Joaquim Tavares incompetente para formar culpa ao sr. alferes João Caetano, pelo conflicto havido entre aquelles dous srs., ordenou que não se tomasse conhecimento do facto, e fossem os autos remettidos para a capital. Desta forma veio o sr. Tavares a perder seus serviços, e convencer-se de que procedeo sem calma e reflexãõ.

—Domingo passado chegou a esta cidade uma escolta do destacamento do Ouricury, provincia do Pernambuco, que viuha para conduzir o cé Estevão José dos Anjos, ao logar de seo crime, e terça-feira pela manhã voltou sem conduzir a Estevão, que ja ha dias se havia evadido da prisãõ da salla livre, onde se achava recolhido.

—No dia 5 do corrente chegou a esta cidade, vindo da capital Gilmar de tal marido de Hyppolita Maria das Dores, que obteve novas ordens do Ex.^m presidente para definitivamente serem os filhos de dita Hyppolita remettidos á jurtyça do Ouricury.

Esperõ se essas ordens no proximo corrente: veremos o resultado.

Estes infelizes meninos, a quem a todo trance se

ILEGIVEL

quer reduzir a escravidão, foram afinal no dia 8 do corrente recolhidos a cadeia desta cidade. Parece ter sido adoptada esta medida, pelo temor de serem as victimas subtrahidas ás vistas do seo depositario, e occultamente remettidas para o P. J. hũ de Flores, conforme o pedido da carta de que a emparatamos.

—Falla se ultimamente na corte da nominação do dr. Franco, deputado governista da Bahia, para a presidencia do Ceará.

—Tinha sido nomiado presidente da Bahia o sr. Paes Barreto, e do Maranhão o sr. P. Magalhães.

FRANCO E O DE

UMA SCENA DO DILUVIO.

DE GESNER

Já as torres de marfim jaziam profundamente submergidas; ja sobre o cimo das cordilheiras corriam negras ondas como montanhas; um unico monte alçava seu erguido cabeça sobre as aguas do diluvio! Horriavel agitação reinava em torno de seus aguçados declives, onde gritavam desesperados os infelizes que subiam ao cume, preseguidas pela morte nas ondas que lhes iam sem cessar banhando os pés. Aqui se desprendia uma rocha do monte, e carregada de homens, gitando, se precipitava com elles no espumoso pelago; ali reunidos os turbilhões e trocados em furiosa torrente, levavam o filho que se e-façava por salvar seu pae moribundo, ou arrastavam a afficta mãe com os filhos nos braços!

Só restava isempto da devastação o pico mais eminentemente do monte onde Semir, generoso mancebo a quem pouco antes tinha jurado eterno amor e mais virtuosa das donzellas, se refugiara com a sua adorada Semira, e onde, no meio da mais completa borrasca se encontravam unicos, porque a taumã ção acabara com o resto dos mortaes! Cresciam para elles as vagas; rebunçava sobre suas cabeças o trovão; brançava a seus pés um mar enfurecido! Espantosa escuridão os envolvia quando os relampagos nao o alumiamavam estas scena deploravel; cada nuvem ameaçava horrores com sua negra prespectiva; cada onda tropeçava com mil cadaveres, e, impellida pelos ventos, corria em busca de novos estragos.

Estreitou Semira o seu amado contra o coração palpitante, e vertendo pranto que regava as suas pallidas faces, misturado com as gotas da chuvas, exclamou com voz balbuciante: « Semir, meu amante, já nao ha salvação para nós; por todas as partes a morte nos accessa rugindo. Oh! desolação! Oh! desventuro! Cada vez se aproxima mais o nosso fim. Quali-

essas vagas, ai! qual será a que nos sepultará? Sustém, sustém-me em teus braços tremulos, meu amado: em breve deixarei d'existir, em breve não existiremos, confundidos ambos no universal transporno. Agora... Para aqui vem correndo... Como é espantosa! Já chega, alluminada pelos relampagos. Piedade, oh! Deus, Deus, nosso juiz! — Disse, e caiu nos braços de Semir, que cingiu com elles a de filletia amante, sem poder despregar os labios, sem ver já o imminente extermio, pois só via a sua terna amante reclinada exanime em seu seio; e soffreu por ella mais do que o horror da morte.

Beijou então aquellas faces que a fria chuva descorara, e estreitou-a mais a si dizendo: Semira, adorada Semira, anima-te e contempla este espectaculo de es-lador: tornem os teus olhos a ver-me, tornem os teus labios a diser-me q' hasde amar-me até à morte: outra vez, antes que a mundação nos arrebatara.

Voltou ella a si quando Semir emoudeceu; irrigio-lhe um olhar cheio de ternura e pena, e espicou a vista sobre o diluvio. « Deus é juiz deus, exclamou: não ha remedio, não ha misericordia que nos alcance? Como se accumulam as aguas! Como retumba o trovão! Com que apparatus de terror annuncia a implacavel vingança! Oh! Deus! nosseos annos corriam na innocencia; Semir era o mais virtuoso dos homens... Ah! ai de mim! Todos os seres que f'licnavam a minha existencia teem perecido. E tu, o que me deste a vida... angustioso transe! separada de mim pelas aguas ainda levantaste o cabeça e os braços para abençoar-me quando f'iste abysmada. Todos morreram. E coitado... Semir, Semir, o mundo assolado e deserto seria para mim um paraizo contigo. Viviamos innocentes, meu Deus, e não ha piedade para nós? Mas o que diz o meu coração angustiado? Perdoa-me, oh Deus! Já morremos. O que é em teu acatamento a innocencia human?

Susteve o mancebo a sua companheira, a quem o furacão vencia, e disse: « Sim, minha amada, todos os viventes teem sido arrebatados à terra, e no estreito da devastação já nenhum moribundo geme. Carissima Semira minha, o instante proximo é o nosso ultimo instante. Acabaram-se todas as esperanças d'esta vida: todo o venturoso futuro, que nos figuramos nas prazenteiras horas do nosso amor, se de-fez: vamos percer. A morte sobe e corre em torno de nossos joelhos vacillantes mas não, não esperemos como reprobos esse destino geral. Morreremos! E que seria para nós, minha amada, que seria a minha longa e deliciosa vida? Uma gota de orvalho pegada a um penhasco, d'onde se desprende ao mar quando o sol assoma. Anima-te: as delicias e a eternidade estão mais alem da vida. Nao trema-

mas ao passar abrange-me e esperamos assim a
 nossa sorte. Depressa, minha Semira, depressa as
 nossas almas voarão sobre este e trágico ao gos-
 de uma bemaventurança ineffável; voarão sobre elle:
 tanto me atrevo esperar, oh! meu Deus! Semira
 levante nos as mãos ao ceo: não deve o mortal
 julgar a Providencia. O que nos insufla o sopro
 vital, envia a morte ao bem e ao mal; mas ditoso
 o que tem caminhado pela sentada da virtude! Sejamos
 comprehendidos na tua sentença; porém anima nos
 com a excellente esperança d'aquelle bem incompre-
 hensivel que a morte não pode perturbar; e reja em
 breve o trovão, brame a barriaca, e amontoem-se
 sobre nós as vagas. Louvado seja o infinitamente
 justo; seu louvor seja o ultimo pensamento de nossas
 almas no corpo que expira.

O valor e juizo que reanimarão o rosto de Se-
 mira tornaram-lhe a formosura, e levantando as mãos
 entre a tormenta, procepeu: «Sim, essa divina
 essa immensa esperança sinto-a já toda: bendiga
 ao Senhor o meu labio, e vertam lagrimas de alegria
 os meus olhos até que os feche a morte que se apro-
 xima, pois nos está esperando o ceo com mil ven-
 turas. Precedestes-nos, vós que foste objecto do
 nosso carinho; mas em breve tornaremos a ver-vos;
 já vamos. Ante o throno do Altissimo estão já os
 justos, a quem, depois de julgados, juntou em sua
 presença. Trovões, rugi; ondas, brami: sois o hym-
 no da sua justiça: destruição, vem, a nós! Olha,
 meu amado, abraça-me, que ali vem a morte; vem
 n'aquella vaga negra. Abrange-me Semira, não me
 deixes. Oh! já a agua me levanta.»

«Eu abraço-te, Semira, dizia o joven: tenho t
 abraçada. A morte, é bem vinda; aqui estamos.
 Louvada seja a eterna justiça!»

Assim disseram, e a onda arrebatou-os abraçados

MYSTERIOS.

Acaso não julgas que seja um mysterio,
 Ao ver d'uma aurora risonha arrebol,
 Os cumos dos montes n'um vasto horisonte
 De luz colorindo da luz do ceo sol?

Não achas mysterios na brisa que sopra
 Nas tardes fagueiras do ameno verão?
 E as aves cantando por entre os salgueiros,
 Mysterios não tiram na doce canção?

E a barca vogando no mar caprichoso,
 No mar deslisando que a pode afundir,
 Não diz que mysterio dos prigos a livra
 Se o mar se levanta furioso a rugir?

A lua brilhando saudosa e pathetica,
 E a luz immergindo do Tejo o cristal,
 Não é porventura mysterio indisivel,
 Que um mundo de ideias inspira ideal?

E os castos amores, que as almas enlçam,
 Em mptuos transportes de ignoto viver,
 Que são para a vida? mysterios apenas,
 Mysterios que sinto. . . não posso dizer!

São tudo mysterios no ceo e na terra;
 A vida mysterios, a morte tambem;
 Mysterio a ventura, mysterio a desgraça,
 Mysterios que certo não cifra ninguém!

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

ATTENÇÃO

Chamamos attenção das authoridades para o se-
 guinte facto:

Em abril deste anno falleceu no Jaseiro, deste ter-
 mo, Manoel Barbosa da Silva, não deixando her-
 deiros conhecidos. Contou se geralmente q', antes
 de morrer, fisera vocalmente suas declarações, dei-
 xando livre seu escravo Aleixo, e dera outras des-
 posições sobre seus bens. Fez-se uma penhora em
 tudo, que existia, e o liberto foi confiado á guarda
 do Escrivão Duartes Pinheiro, ficando as con-
 sas somente nisto. Agora porém contaõ-me que se
 trata de negar que Aleixo fora assim liberto por seu
 senhor, e se diz que não existem pessoas, que tes-
 timunhassem esse testamento nuncupativo.

Para evitar alguma injustiça, aqui vou transcrever
 o rol das testemunhas, que presenciaram a declara-
 ção do moribundo ou sabem della, e declaro que
 defenderei a causa desse miseravel contra qual
 quer injustiça que lhe tentem fazer. As testemu-
 nhas são os Senhores = Antonio Gonçalves Landim,
 Francisco Bernardino, Francisco da Cruz Neves,
 Manoel da Cruz Neves, Francisco das Chagas, e
 P. José Joaquim de Oliveira Bastos.

•••••

A seos amigos e ao publico.

No dia 22 do mes passado segui para a Capital
 desta provincia, o sr. Cicero Cisalpino de Pontes Si-
 mões, com vistas de estudar humanidades no Lyceo
 a assim preparar-se para cursar as aulas superiores
 na Faculdade de direito do Recife. O sr. Cicero é
 um moço de costumes e habilidade recommendavel,
 que não contando outro apoio, alem dos minguar-
 dos recursos de seu pae, quer tentar a philantropia
 de seus patricios, que com outros se tem muitas
 vezes manifestado digna dos maiores encomios.

E' sobre muito ardua impresa tentar alguém fa-
 zer sua educação faltando-lhe os meios pecuniarios,
 mas seja que o publico sempre olha com bons olhos
 para um moço de bellas inclinações, seja que o ta-
 lento faz protectores em toda a parte, é certo, que

ILEGIVEL

muitos homens q' estão fazendo a gloria de sua patria, atravessarão esse primeiro e mais trabalhoso periodo de sua carreira, ajudados dos esforços do publico. E que gloria não deve ficar a quem concorreu para isto?

Eu não me posso despenhar de chamar attenção dos meos concidaiaes e patricios em favor do sr. Cicero, e fazendo o, julgo dever acrescentar que o sr. Cicero longe irã, se encontrar quem proteja sua carreira, ajudando seu pae que de si não p' e fazer toda a despesa de seu estado. *Um seo amigo.*

O abaixo assignado, estando a soffrer graves destruições nas plantações de seu sitio, causadas pelos gados dos senhores Moreira Maia, Cacião, e Bilhar, roga pelo presente a estes senhores, que attendão a sua boa vizinhança, e às medidas que toma, para que seus annuaes de serviço não offendaõ a propriedade alheia.

Todos os cuidados e esforços não são bastantes, para evitar os danos, que mais de u a fluvia de rios soltas, vão diariamente fazendo no sitio Lameiro. Roga pois o abaixo assignado, aos donos destas reses, providenciem de modo a desapparecerem as destruições, tanto mais quando o abaixo assignado, só tem empregado os meios amigaveis, porque confia serem elles bastantes.

Engenho novo do Lameiro 5 de 7br? de 1858.

José do Monte Furtado.

Beneficto José de Oliveira, pede por favor a todos os seus devedores de contas vencidas, que lhe venhão pagar até o ultimo de setembro corrente, pois está resoltivo a proceder judicialmente a cobrança, contra os que não se p' h' em o seo pedido, mandando pagar seus debitos até o prazo marcado, *Citat 6 de setembro de 1858*

VARIADADE.

CURA DAS ALPORCAS PELOS REIS DE FRANÇA

A medicina tinha para os antigo tanto de venerando, que muitos monarchas se gloriavam de possuir o dom de curar, mas sem o emprego de remedio e só por uma graça especial de suas reaes pessoas. Pyrho curava os enfermos tratando os unicamente com a ponta do pé: Vespasiano recitando algumas palavras. O mesmo poder se diz que tinha Adriano. Os reis de Hungria pretendiam curar a ictericia; os reis de Borgonha perservar da peste; os de Hespanha livrar os endemonhados, e os de França curar as alporcas e isto desde os mais remotos tempos. Thomas q' quino faz remontar esta prerogativa a Clovis; porém h'ja reconhecce-se que ella unica-

mente se concedeu aos reis, e diz-se que em recompensa das virtudes do bom rei Roberto Guibert de Nogent diz que viu com os seus proprios olhos o rei Luiz o Gordo curar uma immensidade de pessoas que padeciam d'alporcas. Acrescenta que Philippe I, pae d'este principe perdeu a prerogativa de curar quando foi excomungado pelo papa.

Guilherme de Fangis diz que S. Luiz foi o primeiro que empregou o signal da cruz na cura das alporcas; e que curou muitos mais enfermos do que os reis seus predecessores. De toda a parte vinham a França para este fim. Os hespanhoes faziam numerosas peregrinaçens, e quando S. Luiz morreu, como a sua reputação era immensa, os catalães compraram bem caro um dedo do piedoso monarcha, com o qual curavam o enfermo tocando-lhe com o relicario onde o encerraram.

Os reis da Inglaterra, sempre rivaes dos de França, quizeram ter o mesmo privilegio. Eduardo III, mal tocava no escrofuloso curava as alporcas de modo que não tornavão a apparecer. Diz-se da rainha Isabel, que excomungada como estava, tocou um catholico, e o curou. Depois da rainha Anna nenhum principe inglez curou mais escrofulas.

É para lastimar, diz um autor, que estes bons tempos de prodigios tenham passado, e que hoje a duvida h'ja destruido aquellas maravilhas. Os escriptores de boa fé, que trataram d'estas curas, dizem q' nunca virão curar um unico enfermo. Os reis não tocavam os escrofulosos senão depois de terem commungado, e não commungavam todos os dias. Além d'isto os doentes submettavam-se a um regimen, e depois de serem tocados repetidas vezes, curavam se talvez no decurso de um anno. *(Ext)*

M. XLIAS.

- Devemos ser grato aos que nos fallam a verdade.
- Quando ja pisamos as bocas do sepulchro, ainda nos persuadimos de longa duração.
- As peregrinações que soffemos muitas vezes, são causa da nossa fortuna,
- O tyranno pode ser respeitado, mas nunca amado.
- Devidir para reinar, é o característico da tyrannia y-tematica.
- Quando o orfao te chama, quando a viuva desvalida implora o teu auxilio, compadece-te de sua afflicção, e estende-lhe a mão valedora.
- A velhice do egoismo é triste, não tem compaheiro, nem successor, nem esperanças; occupa desapercebidamente o circulo estreito em que vive, bem como o caracol na sua concha; o passado é para elle um vacuo, o presente um deserto, e o porvir é nada!

Imp por Manoel Brígido aos Santos Junior.